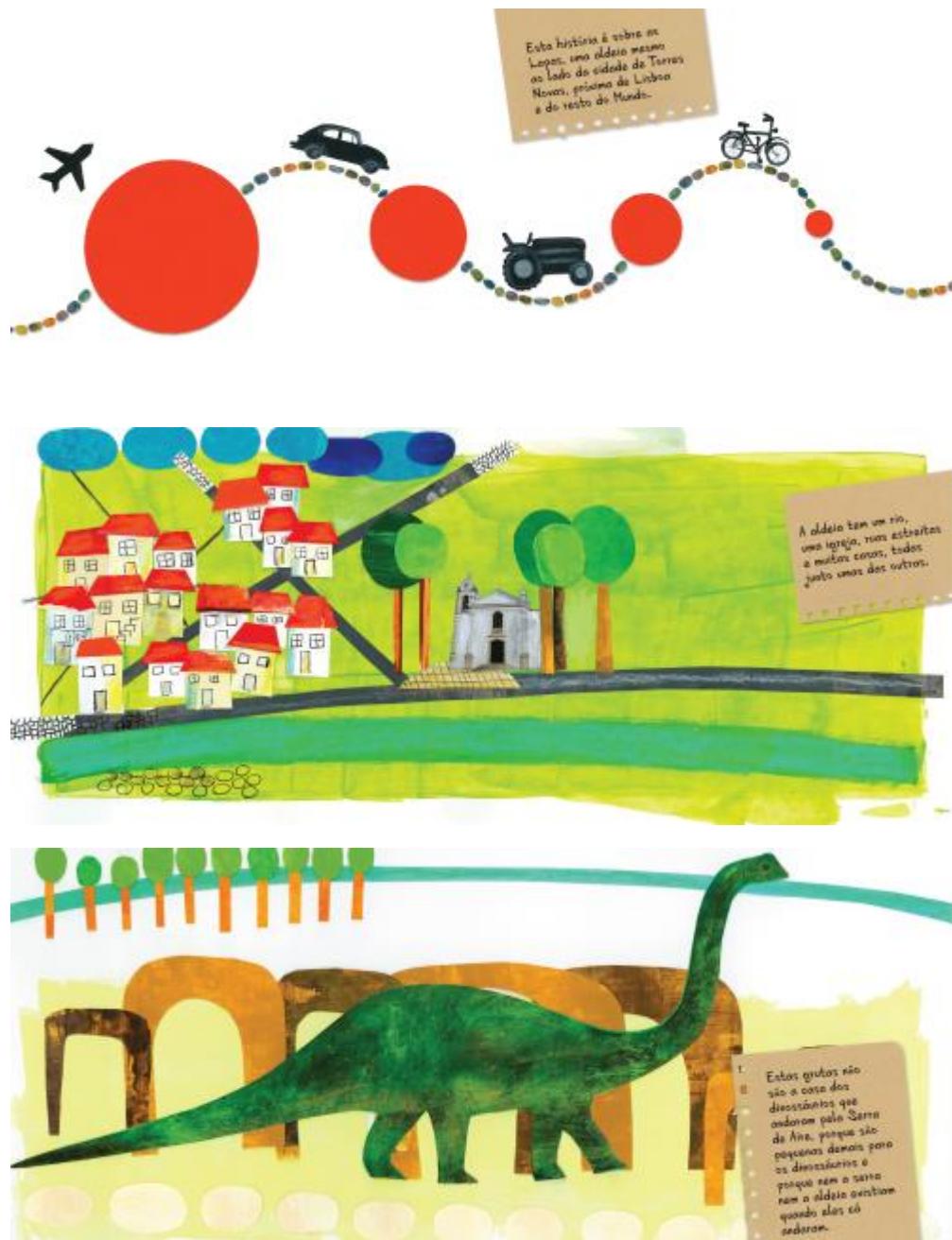




acesso
cultura
access
culture

Prémio Acesso Cultura – Linguagem Clara 2019

Prémio Acesso Cultura - Linguagem Clara 2019
Município de Torres Novas





acesso
cultura
access
culture



Seleção de imagens

Texto sobre o monumento “Lapas, as grutas que não são grutas”

O texto vencedor tem como público-alvo as crianças dos 7 aos 10 anos. Trata-se de uma história que nos envolve, com uma sequência narrativa bem construída. Ao longo do texto, vão sendo abordadas várias épocas históricas e o tom de mistério presente torna-o ainda mais cativante.

No final do texto, não existindo um desfecho concreto, somos convidados a imaginar a nossa narrativa sobre as Grutas de Lapas e a desenhá-la, o que acaba por criar uma maior ligação com os leitores.

Os conteúdos são abordados de forma clara, através de uma linguagem simples e sem termos complexos. No entanto, tendo em conta o público-alvo, no final do texto existe ainda um glossário para o vocabulário que possa ser mais difícil de compreender.

Toda a composição gráfica facilita a leitura, desde o contraste de cores às ilustrações que acompanham o texto, auxiliando o pensamento abstrato.

Considerámos ser um texto eficaz, pensado para mediar o património local e dar-lhe sentido.

Os nossos sinceros parabéns à equipa que o concretizou!

O texto

Lapas, as grutas que não são grutas

Esta história é sobre as
Lapas, uma aldeia mesmo
ao lado da cidade de Torres
Novas, próxima de Lisboa
e do resto do Mundo.



A aldeia tem um rio,
uma igreja, ruas estreitas
e muitas casas, todas junto
umas das outras.

Estas casas foram
construídas num terraço
fluvial, um monte que
o rio Almonda ajudou
a formar e onde
encontramos uma
rocha especial,
o tufo calcário.

Neste monte, por baixo
das casas, há umas
grutas que não são bem
umas grutas, mas que
toda a gente chama
Grutas de Lapas.

Estas grutas não
são a casa dos
dinossáurios que
andaram pela Serra
de Aire, porque são
pequenas demais para
os dinossáurios e
porque nem a serra
nem a aldeia existiam
quando eles cá
andaram.

Também não são uma
cidade de morcegos
porque tinham de ser
muitos, mas mesmo
muitos milhões de
morcegos, morcegos
infinito para as ocupar.

Terão sido abrigos
para os primeiros
povos da Terra, para
se protegerem do frio,
do calor, ou de animais



ferozes? Mas então
deviam cá ter deixado
ossos, pedras, desenhos
nas paredes e não há
cá nada disso.

Terão sido os Romanos
a escavá-las para fazer
casas, aquedutos
ou outras coisas dessas?
Mas nem uma moeda cá
encontrámos...

Dizem que havia aqui
um quarto de uma
qualquer princesa
moura, mas com
tantas paredes quem
saberia onde ficava
a cama, a cómoda
ou o roupeiro?

Outros também dizem que
as grutas eram o fim de um
túnel por onde as pessoas
fugiam sempre que o castelo
de Torres Novas era atacado.
Tinha de ser um túnel muito
comprido e cheio de subidas e
descidas impossíveis...

O tufo calcário serviu
para fazer muitas
casas na região até há
pouco tempo. Seriam
as grutas uma antiga
pedreira? Huum... não
são assim tão grandes
e havia muitas casas
para fazer.

Também não foram
feitas para esconder
o que quer que seja.
Para isso, as pessoas
teriam escolhido



um lugar muito mais
pequeno.

E um recreio para os intervalos da escola
que havia mesmo por cima, com espaço
para muitas corridas e escondidas? Não,
as grutas já existiam quando ainda não
havia escola.

Mas afinal, o que são
as Grutas de Lamas?

Ninguém sabe ao
certo. Mas sabemos
que são umas galerias
subterrâneas, escavadas
há muito tempo por
pessoas como nós.

E tu?

Tens alguma ideia sobre
as Grutas de Lamas?
Quem, quando e porque
as terá feito?

Escreve aqui a tua história!
Desenha agora a tua ideia!

O que é...

Abrigo – lugar onde nos podemos proteger do
frio, do calor, de um animal feroz ou de um qualquer
perigo.

Aldeia – local pequeno, com menos casas e
pessoas do que a cidade, onde os habitantes vivem
principalmente da agricultura, da floresta e da
pecuária.

Aquedutos – construções que levam a água de um
lado até ao outro. Estas construções podem estar
em cima da terra ou enterradas.

Cidade – localidade maior que a aldeia,
normalmente composta por bairros, onde há maior



acesso
cultura
access
culture

quantidade de casas, estradas e jardins e maior variedade de comércio e de serviços, como escolas, hospitais ou campos de jogos.

Dinossauros – grupo de animais que se assemelham a grandes lagartos e que viveram e dominaram o nosso planeta durante muito tempo, mas que desapareceram há mais de 60 milhões de anos.

Galerias subterrâneas – cavidades compridas, em forma de túnel, debaixo de terra.

Gruta – abertura ou cavidade natural numa rocha, grande, que permite a passagem de pessoas.

Infinito – que não tem fim, que não acaba ou não tem limites.

Monte – pequena elevação de terreno.

Morcego – pequeno mamífero capaz de voar, de muitas espécies e tamanhos diferentes e que pode viver dentro de grutas.

Moura – mulher do tempo dos mouros; chamava-se mouros aos povos que vieram de África e viveram aqui até há cerca de 700 anos.

Pedreira – lugar de onde se tiram pedras, por exemplo, para a construção.

Povos – conjunto de pessoas que vivem num determinado espaço e durante um determinado período de tempo, partilhando hábitos e costumes.

Rio – linha de água que forma e segue um caminho e vai criando vales.

Rocha – pedra, massa sólida mineral.

Romanos – do tempo do Império Romano, há mais de dois mil anos; os Romanos eram um povo muito desenvolvido, que dominou grande parte do mundo e que também viveu aqui, onde deixou estradas, pontes, casas, aquedutos, moedas e muitos outros vestígios.

Serra – conjunto de montes.



Terraço fluvial – superfície onde correu um rio e que foi deixada para trás por uma mudança do nível da água. Se o rio for muito antigo podemos encontrar terraços a várias alturas.

Tufo calcário – rocha esbranquiçada, formada a partir da acumulação de sedimentos da água e da transformação do calcário, abundante na região.



acesso
cultura
access
culture

Menção Honrosa
Prémio Acesso Cultura - Linguagem Clara 2019
Património Histórico – Grupo de Estudos



**CONHECEMOS JÁ
MEA FRANÇA**

Fernando da Silva Correia reuniu um conjunto de fotografias de grande qualidade estética, captando a beleza das paisagens. Em contexto de guerra, algumas registavam os efeitos devastadores do confronto; outras, os passeios efetuados nos dias de folga ou de licença. Em setembro de 1918, a mãe escreveu-lhe: “com a porção de álbuns que cá tens conhecemos já meia França!”.

Além das constantes visitas a Paris que, segundo escreveu em 1961, “fez crer a muitos camaradas que o C.A.P.I. passara a vida em Paris, provocando a inveja de muitos e a maledicência de alguns”, o jovem médico conheceu outras localidades francesas. Na licença que gozou em agosto de 1918 visitou Bordeaux, Lourdes, Cauterets e Pau, acompanhado do seu camarada Mário da Conceição Rocha. Noutras ocasiões, visitou a Côte d’Azur e Nantes, esta última na companhia da madrinha de guerra Jeanne Lecouvillard e amigos.

Texto de painel da Exposição “Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia”



O texto revela que no seu processo de criação foram considerados importantes aspectos que o tornam mais claro e, por isso, mais acessível ao público em geral, a quem se destina:

- As palavras e as expressões usadas são comuns e conhecidas pela grande maioria das pessoas.
- As frases são concisas e os parágrafos curtos e bem demarcados, facilitando o processamento da informação pelos leitores.
- A formatação e o grafismo tornam a leitura mais fluída e agradável à vista (texto alinhado à esquerda; linhas curtas; e letra não serifada, bem dimensionada e com bom contraste com o fundo).

Além destes aspectos, o texto prima pela humanização do discurso, o que torna a leitura mais próxima e cativante.

O texto

Fernando da Silva Correia reuniu um conjunto de fotografias de grande qualidade estética, captando a beleza das paisagens. Em contexto de guerra, umas registavam os efeitos devastadores do confronto; outras, os passeios efetuados nos dias de folga ou de licença. Em setembro de 1918, a mãe escreveu-lhe: “com a porção de álbuns que cá tens conhecemos já meia França”.

Além das constantes visitas a Paris que, segundo escreveu em 1961, “fez crêr a muitos camaradas que o C.A.P.I. passara a vida em Paris, provocando a inveja de muitos e a maledicência de alguns”, o jovem médico conheceu outras localidades francesas. Na licença que gozou em agosto de 1918 visitou Bordeaux, Lourdes, Cauterets e Pau, acompanhado do seu camarada Mário da Conceição Rocha. Noutras ocasiões, visitou a Côte d’Azur e Nantes, esta última na companhia da madrinha de guerra Jeanne Lecouvillard e amigos.

Menção Honrosa

Prémio Acesso Cultura - Linguagem Clara 2019

Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier da Universidade Nova de Lisboa (ITQB), ao Centro de Informação e Biotecnologia (CiB) e aos FotoSketchers 2''

PlantLab Sketching

Urban Sketching no ITQB NOVA

As imagens expostas fazem parte de coleção de desenhos concretizados pelos participantes nos "Rabiscos no ITQB NOVA".

A 27 de Maio de 2017, o Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier, ITQB NOVA, celebrou o seu Dia Aberto durante o qual 20 pessoas participaram num atelier de desenho "Rabiscos no ITQB NOVA". Os desenhistas, também conhecidos por Urban Sketchers, foram inspirados por visitas guiadas ao Laboratório de Biotecnologia de Células Vegetais (LBCV) e ao Laboratório de Genética e Génomica das Características Complexas de Plantas (Plant X). Entre os participantes encontravam-se pessoas sem experiência em desenho e também investigadores do ITQB NOVA.

Durante, as visitas os desenhistas viram instrumentos científicos e modelos vegetais e foram guiados pelos cientistas José Ricardo Salvado (LBCV) e Carlota Vaz Patto (Plant X) sobre os seus temas de investigação. Rita Caré (comunicadora de ciência e ilustradora) deu orientações sobre como desenhar e pintar. Os participantes foram desafiados a desenhar nesses contextos e em pequenos cadernos, mesmo que não tivessem qualquer experiência.

Os desenhos também podem ser encontrados online

Dia Aberto do ITQB NOVA

Evento que permite aos cidadãos entrar num instituto de investigação e saber mais do trabalho de investigação e sobre a vida de cientista. A entrada é livre e é possível fazer experiências, visitar laboratórios, estufas e equipamentos especiais, para além da oportunidade de conversar com os cientistas. Em 2017, o tema foi o da medição do mundo e o Dia do Fascínio pelas Plantas. Incluiu uma actividade com urban sketchers. O próximo será em 2019. O Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier (ITQB) pertence à Universidade NOVA de Lisboa.

Quem são os Urban Sketchers?

Actualmente, em dezenas de países dos cinco continentes, urban sketchers reúnem-se para desenhar, ao vivo, os sítios onde vivem e que visitam. O número de pessoas que desenha ao vivo os lugares que visita, em todo o mundo, continua a aumentar desde que o movimento "Urban Sketchers" se iniciou em 2007. São conhecidos mais de 150 grupos em dezenas de países, incluindo Portugal. No nosso país, largas centenas de pessoas com diferentes níveis de experiência de desenho e pintura, de todas as regiões do país, desenham o seu dia-a-dia. Usam qualquer tipo de técnica e valorizam cada estilo individual. Os seus desenhos contam as histórias do que o rodeia e dos lugares onde vivem e por onde viajam, explorando dessa forma a Cultura local.

ORGANIZAÇÃO



APOIOS



rabiscos.itqb.unl.pt

Texto introdutório da Exposição "PlantLab Sketching: Urban Sketching no ITQB NOVA"

O texto revela um esforço, bem-sucedido, de aplicação dos princípios básicos da escrita clara - é sucinto, organizado em parágrafos construídos com frases curtas e utiliza um vocabulário acessível. A leitura é também facilitada por algumas opções de design, como:

- a fonte sem serifas
- a letra preta sobre fundo branco
- o texto alinhado à esquerda
- os títulos e os tamanhos de letra diferenciados, que permitem navegar mais facilmente nos diversos níveis do texto.

Tratando-se de uma exposição itinerante, o texto cumpre também o propósito de ser apelativo para públicos distintos: num primeiro momento, a comunidade científica e não científica do ITQB e os artistas plásticos participantes na atividade e, num segundo momento, os alunos e professores do ensino secundário.

O texto

As imagens expostas fazem parte de colecção de desenhos concretizados pelos participantes nos “Rabiscos no ITQB NOVA”.

A 27 de Maio de 2017, o Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier, ITQB NOVA, celebrou o seu Dia Aberto durante o qual 20 pessoas participaram num atelier de desenho “Rabiscos no ITQB NOVA”. Os desenhadores, também conhecidos por Urban Sketchers, foram Inspirados por visitas guiadas ao Laboratório de Biotecnologia de Células Vegetais (LBCV) e ao Laboratório de Genética e Genómica das Características Complexas de Plantas (Plant X). Entre os participantes encontravam-se pessoas sem experiência em desenho e também investigadores do ITQB NOVA.

Durante, as visitas os desenhadores viram instrumentos científicos e modelos vegetais e foram guiados pelos cientistas José Ricardo Salvado (LBCV) e Carlota Vaz Patto (Plant X) sobre os seus temas de investigação. Rita Caré (comunicadora de ciência e ilustradora) deu orientações sobre como desenhar e pintar. Os participantes foram desafiados a desenhar nesses contextos e em pequenos cadernos, mesmo que não tivessem qualquer experiência.

Os desenhos também podem ser encontrados online.

Dia Aberto do ITQB NOVA

Evento que permite aos cidadãos entrar num instituto de investigação e saber mais do trabalho de investigação e sobre a vida de cientista. A entrada é livre e é possível fazer experiências, visitar laboratórios, estufas e equipamentos especiais, para além da oportunidade de conversar com os cientistas. Em 2017, o tema foi o da medição do mundo e o Dia do Fascínio pelas Plantas. Incluiu uma actividade com urban sketchers. O próximo será em 2019. O Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier (ITQB) pertence à Universidade NOVA de Lisboa.

Quem são os Urban Sketchers?

Actualmente, em dezenas de países dos cinco continentes, urban sketchers reúnem-se para desenhar, ao vivo, os sítios onde vivem e que visitam. O número de pessoas que desenha ao vivo os lugares que visita, em todo o mundo, continua a aumentar desde que o movimento “Urban Sketchers” se iniciou em 2007. São conhecidos mais de 150 grupos em dezenas de países, incluindo Portugal. No nosso país, largas centenas de pessoas com diferentes níveis de experiência de desenho e pintura, de todas as regiões do país, desenham o seu dia-a-dia. Usam qualquer tipo de técnica e valorizam cada estilo individual. Os seus desenhos contam as histórias do que os rodeia e dos lugares onde vivem e por onde viajam, explorando dessa forma a Cultura local.